

O TIJOLÃO, O BEZERRÃO: histórias de Jairo Bezerra, histórias da Educação Matemática.

Antonio José Lopes Bigode
Wagner Rodrigues Valente

Os primeiros anos, a infância, a escola de primeiras letras, o ginásio.

Na manhã de tempo muito quente do dia 1º de fevereiro de 2002, Manoel Jairo Bezerra nos recebeu em sua casa no bairro do Méier, Rio de Janeiro. Jairo Bezerra mora no mesmo endereço há cerca de 50 anos. Seu sobrado, dos poucos residenciais existentes no local, foi cercado, ao longo dos anos, pelos estabelecimentos comerciais. Tocando o interfone, Jairo vem nos atender e nos conduz até seu escritório. O calor é grande mas o ar condicionado torna a situação confortável. O escritório do professor é um ambiente simples, com uma grande mesa ladeada por estantes que contém livros, sobretudo suas obras didáticas. Logo ao entrar, o velho mestre diz, brincando, que é sócio do Bigode, abrindo a porta de uma das estantes e apontando para a coleção de livros de meu companheiro de entrevista. Sentamo-nos ao redor da grande mesa e a conversa começa sem perguntas. Jairo põe-se logo a falar. O assunto

inicial é a origem de sua escolha profissional. Jairo, de pronto, justifica começar a conversa com relatos de infância pois, de um modo ou de outro, diz, sempre lhe perguntam sobre vocação, sobre as coisas que influenciaram a sua escolha profissional, sobre as influências que determinaram que ele se tornasse



professor, professor de Matemática. E ele conta que tudo foi completamente desfavorável, nada pareceu induzi-lo ao magistério. Assim, Jairo relata que sua mãe morreu quando ele era muito pequeno e ele ficou aos cuidados de três tias. Entre elas, havia uma espécie de compromisso tácito: a primeira que casasse levaria o menino para con-

tinuar a criar. Não foi bem o que ocorreu, ressalta Jairo, já que a primeira que casou não tinha meios para cuidar do sobrinho. Ficou para a segunda. Jairo acaba tendo seus primeiros aprendizados escolares com essa tia. Sua pedagogia, ressalta Jairo, era da régua comprida de madeira que, vez por outra, desci-lhe na cabeça.

Continuando a conversa, nosso entrevistado conta que pouco tempo demorou para ter aulas na classe do professor Vilela. Tratava-se, agora, de uma educação mais formal. Jairo ficou com uma lembrança ruim de seu professor: "era uma pessoa muito gorda, careca e feia que fazia medo à garotada". Na primeira sala de aula em que o nosso professor pisou, não havia

carteiras, somente algumas cadeiras. Jairo relembra que logo que chegou para se juntar aos outros meninos, foi logo ouvindo a turma cantar a tabuada. Os primeiros ensinamentos de sua tia lhe valeram, imediatamente, uma distinção. Quando o professor perguntou o resultado de uma conta e Jairo prontamente acertou, Vilela incumbiu-lhe de secretariá-lo

na tarefa do uso da palmatória com os demais alunos. Tinha ele que bater em quem errasse. O caso é que chegou a vez do Fernandes, muito amigo de Jairo. Ficando com pena, bateu-lhe bem de leve. Vilela percebeu logo a desobediência e, tomando a palmatória, fez Jairo apanhar muito para aprender a cumprir as ordens do mestre.

Essas primeiras lembranças fizeram Jairo relatar outros casos de castigo na escola. Como exemplos, nosso professor cita a tábua com milho para a garotada ajoelhar e os latões de areia. Enfático, Jairo comenta: "Em Macau, Rio Grande do Norte, os professores enchiam latas grandes com areia. O aluno desobediente era literalmente mergulhado e sacudido dentro delas. Como todos andavam de calças curtas, ficavam cheios de areia por entre as pernas e, obrigados a sentar, depois do suplício, ficavam a coçar-se por todo o resto do dia com a areia na pele". Jairo puxa da memória muitas dessas cenas para justificar que, desde logo, foi construindo uma péssima idéia sobre a profissão de professor. Assim, conclui dizendo que: "Esse primeiro contato com a profissão de professor foi logo destruindo qualquer idéia minha para a carreira". O velho mestre, ainda, relembra, abismado, que participando na Bahia em 1955, do primeiro congresso de ensino de Matemática¹, veio a saber por colegas professores, de outros artifícios usados nas aulas de Matemática. Um deles, conta Jairo, era a vara de pescar: "Com uma varinha que tinha na ponta da linha um pequeno objeto, o pro-

fessor podia atingir o aluno que conversava durante a aula, de sua posição no tablado da classe".

Jairo prossegue a conversa, ainda lembrando de sua infância no Rio Grande do Norte: "Criança, com nove anos de idade, tive grande influência para ser comerciante. Desde cedo, sabia o preço das coisas. Quanto custava um melão, por exemplo. Fazia lista do que minha tia precisava, anotava preços. Com o tempo, com minhas economias, comprando coisas e guardando para quando fosse preciso. Para quando minha tia precisasse e também outras pessoas. Fui construindo o que chamava de minha 'bodega'. Tinha entre nove e dez anos de idade. Um certo dia, percebi que os que jogavam bola adoravam laranjada. Lembrei-me que quando comprava laranjas para minha tia, elas vinham de navio. Em Macau, somente havia dois tipos de fruta: romã e mamão. Assim, comecei a entrar logo cedo nos navios para escolher as melhores frutas para vender. Dentre elas comecei a escolher laranjas para fazer laranjada. Foi assim que tive sucesso na venda do suco e me tornei conhecido como comerciante tão cedo. Com o dinheiro que fui ganhando passei a comprar e vender carneiros. Cheguei a ter mais de cem cabeças. Tinha dez anos de idade. Todos diziam que iria mesmo ser como meu pai: comerciante. Foi quando abriu o primeiro banco na minha cidade: Banco Rural de Macau. Deixei lá as minhas economias. Acontece que não demorou muito e o banco fechou e perdi qua-

se todo o meu dinheiro. Assim, a carreira de comerciante acabou com a falência do banco".

As lembranças da trajetória escolar continuam bem vivas na memória do professor Jairo e assim ele continua a entrevista dizendo: "Em novembro de 1931, acabei o grupo escolar de Macau (Grupo Escolar 'Duque de Caxias'). A cidade só tinha essa escola. Não havia ginásio apesar de Macau ser uma das grandes cidades do Estado. Meu pai disse-me que não deveria parar de estudar e me mandou, graças a Deus, interno para um colégio marista em Natal fazer o ginásio (Colégio Santo Antonio, 1932-1936). Lá pela terceira série ginásial vinha-me à cabeça ser padre. Fui me convencendo da idéia. Tinha um colega de turma que comigo estudou durante cinco anos: D. Eugênio de Araújo Salles (Arcebispo do Rio de Janeiro). Ele pensava em ser agrônomo e eu pensava em ser padre. Me lembro com se fosse hoje, no último ano ginásial, no dia 6 de junho de 1936, os padres organizaram um retiro. Na capela da escola, que hoje se chama 'Igreja do Galo'. Era a capela do colégio marista. Lembro bem, nós saímos do retiro e Eugênio bateu no meu ombro e perguntou: como é, Jairo, vai ser mesmo padre? E eu disse: não! Não, Eugênio, não vou ser padre. E você, vai ser agrônomo mesmo? E ele respondeu: vou. Fiquei, depois, a pensar: e agora?".

Cursando o ginásio, Jairo toma contato mais e mais com a Matemática. Diferente de seus colegas, faz um curso extra da disciplina, em razão de uma

¹ No período de 4 a 7 de setembro de 1955, realizou-se, por iniciativa da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, o 1º Congresso Nacional de Ensino da Matemática no Curso Secundário, na cidade de Salvador. O temário do evento, reuniu os seguintes itens: Horários e Programas; Métodos Gerais de Ensino; Tendências Modernas do Ensino; O Livro de Classe; Meios de preparar e interessar o professor para o interior do país; O problema do aperfeiçoamento progressivo do professor.

propaganda que recebe pelo correio. Conta-nos o velho mestre: "Alguns dias depois de minhas primeiras conversas e pensamentos sobre o meu futuro, sobre a profissão que poderia ter, me chega uma correspondência do Rio de Janeiro, fazendo propaganda de um curso por correspondência de aviação militar. Não havia, naquele tempo, Aeronáutica. A propaganda dizia que ao final do curso era possível arrumar colocação etc e tal. Me interessei e com o dinheiro que meu pai me mandava todo mês, para gastos com balas e coisas assim, comecei a empregar no curso, que foi muito útil na ocasião. Eu já era bom aluno de Matemática e o curso me deu a chance de me tornar um dos melhores alunos na matéria. Comecei a me destacar mais e mais no ginásio. Na escola o ensino era mais suave, o curso por correspondência me obrigava a estudar outras coisas. Me tornei, assim, um dos melhores alunos de Matemática no Santo Antonio. Quando chegou no fim do ano, começo de novembro de 1936, resolvi ir para o Rio de Janeiro. Mas, precisava de autorização. Fui para Macau. Conversei com meu pai e ele me disse: "Olha, meu filho, não é o que eu desejaria para você, mas vou lhe dar autorização". Depois, fui falar com minha mãe. Ela foi logo dizendo: "sei muito bem o que você veio falar. Se for para ir para a aviação, não precisa dar mais notícias e nem escrever mais cartas para nós". Com quinze anos, uma ameaça dessa foi de arrepiar. Eu, como era muito teimoso, peguei a autorização e um dinheiro que meu pai deu e vim para o Rio de Janeiro ver como era esse negócio da aviação".

O Curso Complementar e o início da profissionalização.

Rio de Janeiro, capital do Brasil, tempos de Getúlio Vargas. Jairo lembra: "Era dia seis ou sete de dezembro de 1936. Vim de navio para o Rio de Janeiro. Eu e um baú contendo todas as minhas coisas e roupas. Chegando ao cais, puxei o baú e fiquei nele sentado esperando a pessoa que iria me encontrar. Aguardei desde cedo até pelas quatro e meia da tarde. Aí, comecei a pensar que sobre o que fazer naquela cidade onde não tinha endereço de qualquer pessoa. Podem imaginar uma criança, sim eu era uma criança de 15 anos, sem ter a quem recorrer. Foi quando me lembrei de Dinorah, chamada por nós de 'a prima mais velha'. Tinha me mandado trazer uma encomenda para uma tia, um pacote com rendas nordestinas para uma tia que morava no Rio. Eram eles que eu aguardava no cais. Pensei no embrulho, no papel e abrindo o baú, vasculhando o pacote vi que ele tinha anotado o endereço de minha tia. Era na Praia do Russel, apartamento não sei o que lá. Tinha um dinheirinho, tomei um táxi e cheguei até a casa dos parentes. Quando cheguei na porta do apartamento que era no térreo, minha tia olhou para mim e caiu em prantos como não se pode imaginar. Eu, que já tinha passado por aquilo havia pouco tempo com a despedida de minha mãe, fui logo pensando que ela, na certa, tinha mandado dizer que eu havia me afastado da família. Pensei logo comigo: 'o que é que eu vou fazer meu Deus se ela não me receber?'. Foi quando ela disse: 'Meu filho, você não sabe, mas Ataliba morreu de um desastre de automóvel na Av. Rio Branco'. Ataliba era o marido de minha tia.

Daí para diante, vocês podem imaginar, as coisas ficaram muito ruins. Tão ruins que em 1937 tive que pedir dinheiro pelas ruas".

E a história da aviação? Perguntamos eu e o Bigode, quase ao mesmo tempo. Jairo aprumase na cadeira e relembra: "Bem, sem o marido, minha tia ficou numa condição ruim, não sabia fazer nada, como ela mesma me disse, orientando-me a procurar outras pessoas pois com ela eu não teria qualquer condição de viver. Indicou-me um advogado, bem de vida, que conhecia meus pais. Eu tinha o ginásio. Até aquela data, quem terminava os estudos ginasiais ia direto para a Faculdade. Naquele ano de 1937 mudaram as coisas. Era necessário fazer mais um curso complementar de dois anos. Assim, nesse ano, funcionou pela primeira vez o Curso Complementar. No outro dia, fui com minha tia na casa do advogado e conheci também sua senhora que tinha sido amiga de minha mãe. O advogado disse-me que iria comigo na Praça Mauá ver o tal do curso da aviação. No final a coisa era um conto do vigário. O dinheiro que mandei só foi útil pois recebi o material para estudo. Na semana anterior, o curso tinha sido fechado. De fato, no dia seguinte, vi que ainda havia polícia guardando o local. Funcionava no prédio do jornal 'A Noite'. Graças ao advogado, consegui entrar no Curso Complementar para Engenharia da Escola Politécnica. Os padres lá de minha terra tinham entendido que eu tinha vencido e estava na melhor escola de engenharia do país. O meu dinheiro acabou e eu precisava arrumar alguma coisa para fazer, trabalho para me manter no

curso. Comecei a pedir dinheiro para as pessoas. Uma das pessoas que me ajudou, eu vim a encontrar anos mais tarde, quando o Colégio Metropolitano organizou uma festa para que eu recebesse o título de Cidadão Carioca. Foi um negócio de doer, né?”.

A menção de Jairo ao Curso Complementar, refresca-nos a memória sobre os rumos da educação no Brasil no período Vargas. Ao assumir o governo provisório em 1930, Getúlio Vargas logo cria o Ministério da Educação e Saúde. Seu primeiro ministro foi Francisco Campos. Campos organiza a primeira reforma nacional do ensino. Na reforma, o ensino secundário, que hoje corresponde à escolaridade de 5ª série até o 3º colegial, ficou dividido em dois ciclos. O primeiro, de cinco anos, iria dar origem, mais tarde, ao ginásio; o segundo, de dois anos, dividido em três seções específicas, seria cursado por candidatos às escolas superiores. Dentre as seções, uma delas correspondia aos dois anos a serem cursados por candidatos à engenharia e ciências exatas. Assim, o primeiro ciclo tem início em 1931 e, depois de 5 anos, tem início o segundo ciclo, em 1937. Desse modo, nosso professor teve a oportunidade de ser um dos primeiros alunos desses dois anos, denominado Curso Complementar.

Retomando a conversa com Jairo Bezerra, o velho mestre lembra: “Em 1938, o advogado conseguiu uma passagem para eu ir em férias para a casa de meus pais. Eu que havia pedido esmolas no ano anterior iria agora em férias para o Rio Grande do Norte. Quando voltei vinha com mais um dinheirinho dado pelo meu pai verdadeiro. Minha mãe de

criação ainda estava zangada comigo. Voltei e fiz o segundo ano complementar no período noturno no Colégio Andrews”.

Interessados nesses primeiros anos de funcionamento do que iria se tornar hoje, o nosso Ensino Médio, perguntamos para Jairo sobre as lembranças que ele guardou dessa época escolar. Indagamos sobre o ensino de Matemática, sobre os professores de Matemática. Jairo, então, prosseguiu sua narrativa: “Lembro-me de um professor de Matemática, não sei o nome dele todo mas, lembro-me do Gama. Também o professor Henrique Costa, o Costinha. Ele achava que eu era bom aluno. Em Física tive aulas com o Candinho que também era professor da Escola de Medicina. Não me lembro se usávamos livros didáticos. Era, na verdade, o primeiro ano de funcionamento do Curso Complementar. Por esse tempo, arrumei um emprego na Cia. Internacional de Seguros e tive que mentir para isso. Eles não aceitavam funcionários que estavam estudando num nível como o Complementar pois sabiam que mais cedo ou mais tarde o empregado deixaria a firma para um negócio melhor. Assim, tive que mentir para menos sobre meu currículo escolar e dizer que tinha somente instrução primária e ainda coloquei mais dois ou três anos em minha idade”.

Jairo Bezerra, professor de Matemática e aluno da Faculdade Nacional de Filosofia.

Em seguida, Jairo Bezerra relata um momento ímpar de sua trajetória, que iria influir decisivamente em sua vida profissional: “Depois de trabalhar na In-

ternacional, fiz ainda um trabalho temporário noutra firma, a Hollerith. Durou pouco e me encontrei sem ocupação. O que me salvou foi ter encontrado, no carnaval de 1939, um antigo colega do colégio marista que fiz em Natal. Conteí-lhe a minha história, a experiência que ganhei nas duas firmas anteriores e a minha necessidade de trabalhar. Disse-me o amigo que iria ver se arranjava algo. Foi quando fui chamado pelo Colégio Metropolitano. Lembro-me bem que foi no dia 1º de maio de 1939. Um dia feriado, só havia eu e o diretor da escola. O meu amigo era filho de um dos donos desse colégio. Ele me apresentou, vejam só, como o organizador da Hollerith! Assim, fui trabalhar na secretaria da escola. A partir de minha entrada no Metropolitano, tive a sorte de substituir professores. Havia professores primários que, vez por outra, faltavam. Também passei a dar aulas particulares para alunos do ginásio. As coisas foram andando e, também, a certa altura, substituí o professor de Física que era militar e foi convocado, deixando as aulas. O professor Francisco de Assis Diniz era habilitado em Matemática e Física. Assim, ele assinava as aulas que eu dava de Física”.

Pouco a pouco, como professor substituto, Jairo foi sentindo a necessidade de profissionalizar-se, de “fazer Faculdade”, como ressaltou. Eram recentes as faculdades de filosofia para a formação do professor de Matemática. Em 1934, é criada a FFLCH da USP e, no Rio de Janeiro, somente em 1939, é criada a FNFi - Faculdade Nacional de Filosofia. As origens da formação dos professores de Matemática estão ligadas ao en-

sino técnico-militar. Essa história remete-nos às escolas militares existentes desde finais do século XVII. Através das Aulas de Artilharia e Fortificações, a Matemática foi suprindo as necessidades das práticas de guerra e de defesa do território colonial, constituindo ingrediente fundamental da formação militar. Com as transformações das escolas militares, criam-se as escolas politécnicas para formação dos engenheiros. Serão predominantemente militares e engenheiros, os professores de Matemática, até inícios do século XX. Somente com a criação da FFLCH da USP e da FNF, tem-se os primeiros cursos destinados à formação do professor de Matemática para o ensino secundário. Jairo, assim, foi aluno das primeiras turmas. O velho mestre conta-nos sobre seu ingresso no ensino superior: "Em 1941, entrei na Faculdade Nacional de Filosofia. Lembro-me que foi Alberto Nunes Serrão, o professor de Matemática que me examinou em Geometria elementar". Em seguida, Jairo se levanta e, dentre várias pastas com recortes e documentos, retira de uma delas, um recorte do Diário de Notícias, com matéria intitulada "Os novos bachareiros da Faculdade Nacional de Filosofia". O artigo de jornal incluía uma foto dos bacharelados de 1943. Lá está Manoel Jairo Bezerra junto com Maria Edméa de Andrade, os dois novos bachareiros do curso de Matemática. Por seu texto, fica-se sabendo que a solenidade teve início com o discurso pronunciado pelo diretor da Faculdade, professor San Tiago Dantas² e que colaram grau quarenta

e cinco alunos de diversos cursos. Nosso professor, recordando dos tempos da Faculdade, cita seus antigos mestres: "Da Faculdade tenho lembranças de professores como Luís Alves de Matos, de Didática; Rocha Ribeiro, Física e Plínio Sussekind, de Cálculo. O grande orientador da minha parte didática foi mesmo Luís Alves de Matos".

Jairo Bezerra, retomando o relato de sua vida como professor de Matemática, conta: "Acabei ficando no Colégio Metropolitano de 1939 até 1961, cheguei a ser diretor do Colégio em 1946. Depois, eu andei por aí, por várias escolas e voltei ao estabelecimento, em 1984, dando aulas até 1996, na 8ª série".

O Tijolão, o Bezerrão: os livros de Jairo Bezerra.

Um dos temas que eu e meu colega Bigode tínhamos bastante interesse em conhecer melhor era o da obra didática de Bezerra. Que caminhos levaram nosso professor a ter sido o autor de um dos maiores best-sellers didáticos de Matemática, o seu Tijolão, o seu Bezerrão? Jairo, na entrevista, no entanto, pareceu não dar grande atenção a esse livro didático que tanta notoriedade lhe trouxe. Relativamente aos seus trabalhos, preferia discorrer bastante sobre o texto "Didática Especial da Matemática" que foi publicado pela CADES - Ministério de Educação e Cultura, em 1958. Levantou-se, mais uma vez, para localizar o material. Com o texto em mãos, foi-nos possível ler na Apresentação os seguintes dizeres: "A Diretoria do Ensino Se-

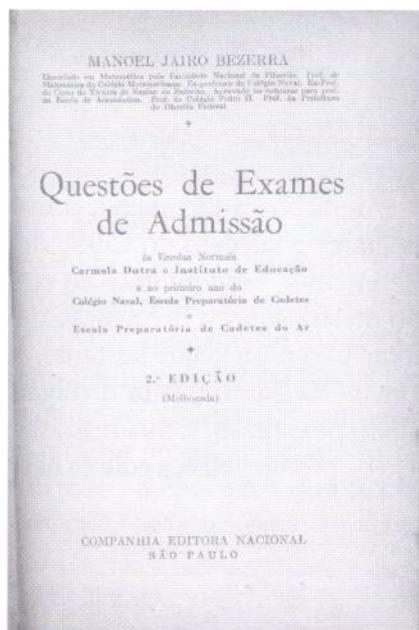
cundário vem promovendo a 15 de outubro de cada ano, através da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário - CADES, um concurso de monografias sobre a metodologia de diversas disciplinas do ensino de grau médio". Assim, o texto publicado de Jairo Bezerra, tinha sido vencedor entre as monografias para a Didática da Matemática. Orgulhoso da lembrança, nosso mestre relata que a partir da publicação desse trabalho, começou a ganhar notoriedade e ser chamado pelo MEC para ministrar cursos para professores em todo o Brasil.

Com o relato de Jairo sobre a publicação feita pela CADES, imaginávamos que teria sido essa publicação a origem da produção didática do nosso mestre. Conversa vai, conversa vem, e verificamos que antes do prêmio pela monografia e sua publicação, Jairo já havia escrito vários livros didáticos de Matemática. Foram esses livros que deram origem ao Tijolão/Bezerrão. Sigamos a história de nosso autor.

Professor do Colégio Metropolitano, Jairo resolveu abrir um curso de preparatórios aos exames de admissão às escolas normais. Conversando antes com o proprietário do Colégio Metropolitano, Jairo conta-nos que ele não teve interesse na empreitada. Era o tempo das normalistas. Uma verdadeira multidão de candidatas se inscrevia para as poucas vagas do Instituto de Educação. Muito concorrida também, no Rio de Janeiro, era a escola normal "Carmela Dutra". Era o ano de 1948. Jairo organizou o

2 Advogado e político do PTB- Partido Trabalhista Brasileiro de Minas Gerais, antigo líder intelectual integralista nos anos 1930. San Tiago Dantas foi Ministro do Exterior do primeiro gabinete parlamentarista, na presidência de João Goulart, em 1961. Teve seu nome rejeitado, em 1962, para substituir Tancredo Neves como Primeiro Ministro. Com a derrota do sistema parlamentarista, em 1963, Dantas tornou-se, no sistema presidencial de Goulart, seu novo Ministro da Fazenda.

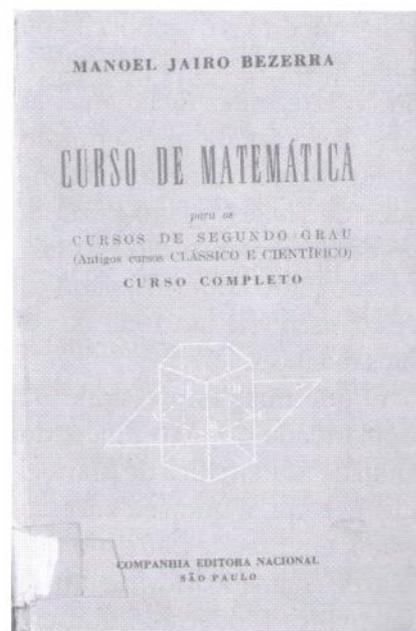
que viria a se chamar Curso Pré-Normal Jairo Bezerra. O curso teve muito sucesso: a primeira turma contava com 18 alunas. Todas foram aprovadas naquele ano nas escolas mais concorridas. A partir disso, conta-nos Jairo, houve um crescimento muito grande da escola. Esse crescimento chegou, do número inicial de 18 alunas, a doze turmas de 50 alunos cada uma! Jairo, uma vez mais, retira de uma de suas pastas, uma página inteira do jornal Diário de Notícias. Nela está a propaganda de curso em tempos do auge da escola. A chamada dizia: "Não há mais vagas para este ano no Curso Jairo Bezerra". Com o curso preparatório, Jairo iniciou a escrita de seus livros didáticos. Primeiro, veio a reunião de inúmeros exercícios dos exames de admissão às escolas normais. Como resultado, foi publicada, em 1953, a obra *Questões de Exames de Admissão*. A Cia. Editora Nacional teve interesse na publicação, segundo Jairo, por seu curso ser um dos maiores do Rio de Janeiro e com alto índice de aprovação dos candidatos nas



melhores escolas. Na Introdução do livro, em segunda edição de 1956, Jairo escreveu: "Este livro de exercícios contém todas as questões, com suas soluções, dos Exames de Admissão aos cursos normais da Escola Carmela Dutra e Instituto de Educação, desde o primeiro exame até 1953, inclusive". No mesmo ano de 1953, Jairo organiza e publica livros com muitos exercícios para o secundário. Afinal, comenta Jairo, dizendo ter tido incentivo da Editora: "Por que não elaborar um livro de exercícios para o clássico e científico?". Surgem os volumes *Curso de Matemática 1°, 2° e 3°* colegiais. Livros publicados pela mesma editora de sua primeira obra. Livros que terão uma estrutura muito semelhante ao primeiro trabalho, na medida em que o privilégio do texto era para os exercícios. A uma apresentação teórica bastante sumária de cada tópico de conteúdo, seguia-se um conjunto enorme de exercícios resolvidos e por resolver. Uma fórmula didática já antiga mas que os livros dos anos 1950 pareciam ter se afastado. Serão esses livros que darão origem ao Tijolão/Bezerrão. Perguntado sobre a idéia de fundir esses três livros didáticos num só, Jairo responde que foi do professor Ary da Matta a sugestão. Ele era diretor da Revista *Atualidades Pedagógicas*, da Cia. Editora Nacional. A idéia principal era, segundo Jairo, fazer "um enxugamento teórico e apresentar muitos exercícios resolvidos".

Sobre o sucesso desse seu livro didático, que reunia num único volume, todo o curso de Matemática do ensino colegial, Jairo pondera que essa inovação parece ter sofrido certas resistências no início: "Não foi assim somente a

coisa de juntar tudo num só livro e aumentar a praticidade. Eu quando cheguei em Pernambuco, por exemplo, deparei-me com um livreiro que não me conhecia e foi logo dizendo que em São Paulo havia um maluco que estava juntando as três séries numa só. Ele estava certo que ia ser um desastre e me perguntava quem iria comprar um livro três vezes mais caro que o habitual. Eu creio que o motivo do sucesso não foi bem a didática que ele continha. Acho que o ponto era a aplicação imediata, os exercícios de aplicação logo após a apresentação teórica".



O livro único, o tijolão - como era conhecido no Rio de Janeiro, o bezerrão - como era chamado em São Paulo, foi editado pela primeira vez em 1961, com o título de *Curso de Matemática*, também pela Cia. Editora Nacional. Suas várias edições ultrapassaram a casa de um milhão de exemplares. Procuramos saber de Bezerra, quais foram as suas referências para escrita desse texto didático. A essa pergunta, Jairo responde diretamente a meu colega de en-

trevista o seguinte: "Eu tinha medo de fugir, viu Bigode, eu tinha medo de fugir do que dizia Thales Mello Carvalho. Não sei se você chegou a trabalhar com os livros dele. Ele tinha o 1°, 2° e 3° anos. Ele foi um bom conhecedor de Matemática, de Cálculo. As figuras de seus livros eram bem feitas. Os livros não eram assim práticos. Ele escrevia nas lições até mais do que precisava para fazer os exercícios. Ele deveria, naquilo que estava ensinando bem, mostrar questões para valorizar. Uma vez conversando com a senhora dele, Dona Irene Carvalho, ela chegou-se a mim e disse: 'Professor o senhor me desculpe, mas o senhor copiou muito Tales'. Virei-me para ela, e concordei dizendo: 'Realmente, eu tinha as idéias da apresentação das lições mas confiava nos conceitos de Thales'". Jairo Bezerra, apontando seu Currículo, mostramos que junto com o Tijolão/Bezerrão, escreveu um total de 52 obras didáticas.

O que mais impressiona na popularidade do livro único, do Curso de Matemática de Manoel Jairo Bezerra, é que seu sucesso se deu, em grande parte, no período do chamado Movimento da Matemática Moderna. Em meio à euforia das novas idéias e propostas para o ensino de Matemática, vindas do movimento internacional, o livro didático de Jairo Bezerra, o Tijolão/Bezerrão, seguiu uma trajetória de sucessivas edições, sem incorporar a proposta modernizadora. O sucesso editorial de autores como Oswaldo Sangiorgi, Scipione Di Pierro Neto, com seus livros didáticos de

Matemática Moderna, nas décadas de 1960 a 1980, não breou a marcha do Curso de Matemática de Manoel Jairo Bezerra.

Indagado sobre como explicar o sucesso de um livro tradicional em tempos de Matemática Moderna, Jairo pondera: "Eu tenho a impressão, vamos dizer assim, que o número de pessoas modernas era muito pequeno em relação àqueles que já tinham nome no ensino de Matemática. Assim, a opção por formas mais tradicionais também se justifica pois um professor aprendeu seu ofício de modo tradicional e tem em mãos grandes autores, já sedimentados, pouco se arrisca às novidades de livros com moderna orientação, com material didático, que muitas vezes apresentam pecados matemáticos".

De todo modo, as dezenas e dezenas de edições do Tijolão/Bezerrão revelam a convivência de diferentes práticas pedagógicas do ensino de Matemática numa época que se pensava estar completamente dominada pela Matemática Moderna.

Apesar do enorme sucesso obtido pelo volume único, a Cia. Editora Nacional também solicitou a Jairo Bezerra livros didáticos de Matemática Moderna. Em 1968, foi lançado o Moderno Curso de Matemática 1 destinado a alunos do primeiro ano dos cursos clássico e científico. Na Apresentação desse livro didático, Jairo escreve: "Para atender a esse verdadeiro impacto da Matemática Moderna escrevemos este livro". Em seguida, o autor, já afa-

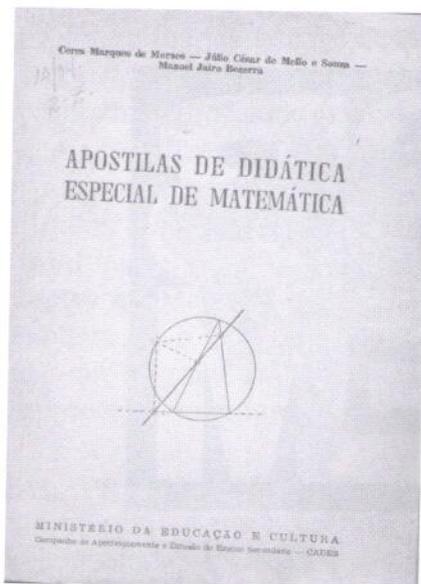
mado pelo volume único, que contém toda a Matemática escolar para o ensino colegial, ressalva que: "Em virtude do caráter experimental de que se reveste o ensino da Matemática Moderna na Escola Secundária, achamos mais prudente escrever, de início, um trabalho para cada série, antes de reunirmos toda a Matemática Moderna do 2° ciclo em um só volume". Na entrevista, Jairo conta que a Editora ao lançar essa obra, estava fazendo uma experiência e tinha cercado de muitos cuidados "o livro amarelo", referência feita pelo autor, à cor da capa do livro. O livro era um projeto híbrido uma vez que havia capítulos, como o de Geometria Espacial, tratados sob a forma tradicional. Jairo Bezerra, na mesma Apresentação da obra comenta: "O último capítulo, referente à Geometria de Euclides (no espaço) foi mantido, praticamente, sob a forma tradicional a fim de atender às exigências dos exames vestibulares ainda em vigor e a fim de esperar orientação para modificá-lo". O projeto do livro amarelo ficou apenas no volume 1 e o carro-chefe da produção didática de Manoel Jairo Bezerra continuou sendo o Tijolão/Bezerrão.

A Didática da Matemática: Jairo Bezerra, Malba Tahan.

Ainda buscando melhor compreender o sucesso do Curso de Matemática, perguntamos ao velho mestre sobre a divulgação da obra: "O senhor viajou bastante, a convite da editora, para divulgar o livro pelo Brasil?". Sua resposta veio de pronto: "Não, a editora não

3 Pelo decreto de 2 de dezembro de 1837, o Seminário de São Joaquim, antigo Seminário dos Órfãos de São Pedro, foi transformado pelo Ministro do Império, Bernardo Pereira de Vasconcelos, em estabelecimento de instrução secundária com o nome de Colégio Pedro II. O Colégio, constituiu referência nacional para o ensino secundário do Império até as primeiras décadas da República. Sua organização didático-administrativa, seus programas de ensino, livros didáticos, orientavam os demais estabelecimentos de instrução secundária do país. Aos bacharéis pelo Colégio Pedro II era concedido o direito de matrícula em qualquer instituição de ensino superior.

se preocupou com isso. No entanto, eu viajei muito pelo MEC para dar cursos para professores. Isto é, antes de me tornar conhecido como autor de livro didático, era conhecido como autoridade em didática da Matemática oficialmente pelo MEC". Em seguida Jairo retoma o que parece ser um de seus maiores orgulhos: "Em 1956 obtive o primeiro lugar no Concurso de Monografias de Didática da Matemática realizado pelo Ministério da Educação e Cultura. Isso se repetiu em 1960. Isso, de certa maneira, me dava todas as credenciais". Dito isso, Jairo se levanta e busca, para nos mostrar, seu Apostilas de Didática da Matemática que escreveu em conjunto com Malba Tahan e outros autores.



A retomada do tema "didática da Matemática" permitiu a Jairo lembrar-se de outros autores de livros didáticos de Matemática., dentre eles, Malba Tahan. Perguntamos a Jairo como conheceu o famoso professor brasileiro, teria sido na época em que ele, Jairo, prestou concurso no Colégio Pedro II³? Jairo responde que não: "Prestei concurso no Colé-

gio Pedro II, mas não foi lá que travei contato com o professor Júlio de Mello e Souza. Meu contato primeiro com ele é esquisitíssimo. Sempre tive variadas notícias sobre a personalidade de Malba Tahan, e o destino me fez estar frente a frente com ele. Foi em 1946. Malba Tahan não teve contato com a Matemática que se ensinava na Escola Politécnica. No primeiro contato que tive com ele, ele fez uma declaração que não era verdadeira. Eu tinha muita admiração por ele. Foi num congresso de ensino. A afirmação dele não era de Matemática. Criticou um livro que estava sendo usado nas escolas militares, apontando erros. Eu sabia que aquilo não procedia. Ao meu lado, um concunhado me incentivou a contestar o que ele havia dito. Num primeiro momento, fiquei calado, depois, tomei coragem e pedi a palavra, Eu estava começando a minha carreira de professor, vinha representando um colégio do Rio de Janeiro, o Metropolitano. Ao pedir a palavra disse-lhe que no exército não se adotava o tal livro errado que Mello e Souza apregoava. Ele me contestou e disse para a platéia que traria o livro para discutir até o fim do encontro, do congresso. Não somente não trouxe para o público, como também não o fez para mim. Foi uma grande decepção aquela atitude. Eu tinha por ele uma grande admiração. De todo modo, quando terminou a seção ele veio sentar-se ao meu lado e me deu uma revista publicada por ele, denominada Alkarmism. Depois que ele se levantou, meu concunhado, que era uma pessoa muito experimentada, retrucou: 'Eu tenho já certeza que o livro a que ele fez referência não

existe. Um homem como o Malba Tahan não viria até você, ilustre desconhecido, para dar satisfações'. Na verdade, a intenção de Mello e Souza era depreciar o ensino de Matemática dado no exército, nas escolas militares que não usavam os seus didáticos".

A conversa com Jairo Bezerra segue com a seguinte pergunta do Bigode: "Como é que o senhor viu o impacto do material didático sobre o ensino de Matemática? Pergunto isso pois, apesar de ter sido o autor de um clássico do ensino tradicional, o senhor divulgava as idéias uso de material didático. Acho muito importante o assunto, pois o que hoje está sendo considerado como novidade, em seu tempo já se fazia uso desses materiais". Jairo ajeita-se na cadeira de seu escritório e, calmamente responde: "Em minha época de Pedro II, estava numa espécie de cruzada pelo uso do material didático para o ensino de Matemática. Aconteceu aí, uma coisa que acho interessante. Haroldo Lisboa e Roberto Peixoto eram contra. Aí, houve um movimento meio político-econômico para expressar a posição deles e de outros considerados grandes professores da época. Corria à boca pequena que uma reunião, convocada para discutir o tema do emprego do material didático no ensino de Matemática, não tinha outra finalidade que a de arrasar com minhas propostas didáticas. Mesmo assim, eu fui à reunião. Levei materiais, coisas produzidas por professores, trabalhos manuais. Haroldo Lisboa era uma referência no ensino de Matemática. Catedrático do Colégio Pedro II, era o coordenador geral do ensino da disciplina. Tive meu tempo na reunião para expor e falar so-

bre o material didático. Houve, em seguida, um intervalo. No retorno, Lisboa pediu a palavra e, todo cerimonioso no tratamento, disse, a propósito da exposição que fiz, com uso de um triângulo articulado de madeira: "O nobre colega há de saber que o material didático não demonstra nada em Matemática". Retruquei-lhe dizendo que não tinha afirmado que material didático demonstrasse teoremas matemáticos. Aliás, continuei falando, lembro-me de um exemplo que o senhor deu, a propósito da chuva - e estava chovendo naquele dia - onde Vossa Excelência usou do guarda-chuva para demonstrar o teorema da soma dos ângulos no espaço. Nem sequer me passou pela cabeça que o senhor havia afirma-

do que guarda-chuva demonstrasse teorema. E assim foi. Depois dessa reunião, recebi um telegrama do Haroldo Lisboa me felicitando pela participação no encontro. Pouco tempo depois, recebi um prêmio sobre meu trabalho com material didático para o ensino de Matemática e, além disso, tive o texto publicado pelo MEC com votos de louvor etc e tal. Isso foi em 1963. Soube que a Congregação do Pedro II, na pessoa do Lisboa teceu longos elogios ao meu trabalho. Assim, terminou minha inimizade com Haroldo Lisboa e passamos mutuamente a nos respeitar muito.

Bigode ainda fez uma derradeira pergunta sobre material didático: "Como o senhor foi levado a tratar do tema do ma-

terial didático?". Jairo, com excelente disposição, apesar de já estarmos há mais duas horas falando, responde: "Bem, como eu na minha estada na França pude travar contato com materiais para o ensino de Matemática, passei a me interessar e estudar o assunto. Depois, com a polêmica estabelecida com Lisboa e a oportunidade que veio, em seguida, num concurso do MEC, tratei do assunto e, como disse, fui premiado".

Com essa última pergunta encerramos a entrevista agradecendo muito a boa vontade e paciência do velho mestre e ponderando que a entrevista, certamente, constitui material muito valioso para a história da Educação Matemática no Brasil.

Professor,
File-se à SBEM
e participe da
comunidade de
Educadores
Matemáticos



15 anos

Ligue para (011) 3120-6729
e-mail: sbem@pucsp.br
ou visite nosso site: www.sbem.com.br